

Mapeamento da produção científica sobre mulheres trans pelo portal Periódicos Capes entre 2017 e 2021

Monica Martinez¹

Juliana Fernandes Besse Santos²

Resumo: esse artigo tem como objetivo mapear pesquisas científicas sobre mulher trans (travestis, transexuais e transgênero) pelo portal Periódicos Capes nos anos de 2017 a 2021. Temos como foco a busca por pesquisas sobre a trajetória de atrizes trans brasileiras. Abordaremos a questão da identidade de gênero, tendo como base teórica principal a filósofa Judith Butler (2003). No que se refere a questão das mulheres trans no teatro brasileiro a pesquisa estará apoiada nos trabalhos de Dodi Tavares Borges Leal (2021) e Renata de Carvalho (2019). Como método de pesquisa faremos uso da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

Palavras-Chave: Teatro Brasileiro, Atrizes Trans, Reconhecimento e Visibilidade.

1 Introdução

Primeiramente, é importante destacar o motivo pelo qual nos interessamos pelo tema: consideramos ser de grande importância dar visibilidade a todas as atrizes brasileiras, e isso inclui as atrizes transexuais, travestis e transgênero, por tanto, pretendemos destacar pesquisas, sobretudo em jornalismo, que abranjam este tema. Nessa pesquisa procuramos identificar pelo portal Periódicos Capes estudos que tivessem como sujeitos de pesquisa mulheres atrizes trans brasileiras. Uma de nossas intenções é lembrar para quem elaboramos pesquisas com a finalidade de perpetuar o desenvolvimento social.

Hoje, o conhecimento sobre a identidade de gênero é mais acessível e discutido, e sabemos que muitas mulheres (cis e trans) contribuíram e ainda contribuem para o desenvolvimento do teatro brasileiro. Mas ainda temos um longo caminho a percorrer em busca do reconhecimento profissional. Especialmente as atrizes trans.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), São Paulo. Ex-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e co-chair do Strategic Scientific Committee (SSC) da IALJS (International Association for Literary Journalism Studies). Organizou o livro “Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo”, Intercom, 2018) com Marcos Paulo Silva e Leonel Aguiar.

² Graduada em Licenciatura em Teatro pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Atualmente é mestranda do curso de pós-graduação em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso), tendo como orientadora Monica Martinez.

Podemos considerar que uma pessoa cisgênero é aquela que se identifica com o gênero que lhe foi determinado ao nascer. O gênero de um ser humano é habitualmente determinado baseando-se na genitália que a pessoa possui. Por esse motivo quem nasce com uma vulva pertence ao gênero feminino, e quem nasce com um pênis pertence ao gênero masculino. Mas através de nossos estudos compreendemos que nem sempre o gênero pode ser determinado com base nos atributos físicos.

Etimologicamente o prefixo trans (vindo do latim) significa “além de”, “o outro lado”, “o lado oposto” ou “para além de”. Este prefixo pode se referir tanto às mulheres trans quanto aos homens trans. Como o artigo tem como foco as atrizes (mulheres) trans, é importante definir o que é uma pessoa travesti, uma pessoa transexual e uma pessoa transgênero.

Travesti: as travestis não necessariamente passam por uma mudança hormonal ou física em relação ao seu sexo biológico. Elas adotam comportamentos e expressões considerados culturalmente femininos.

Transexuais: são pessoas que buscam a transição de gênero por meio de tratamentos hormonais ou cirúrgicos, a fim de se assemelhar com sua identidade de gênero fisicamente.

Transgêneros: correspondem aos indivíduos que não se identificam com seu sexo biológico, podendo recorrer a tratamentos hormonais ou não.

O prefixo trans pode ser utilizado por mulheres e homens que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado ao nascer. Uma pessoa trans compreende seu gênero como algo além dos atributos físicos.

Faremos uso do método da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) para analisar artigos, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso. Levaremos em conta o ano de publicação, o campo de pesquisa, o título, o nome da revista científica (no caso dos artigos), Instituição de Ensino Superior e autoria.

2 A Questão da Identidade de Gênero

Antes mesmo de nascermos, nós, seres humanos, já somos classificados e definidos culturalmente, e a identidade de gênero faz parte desta pré-classificação/definição. Somos determinados como mulheres ou homens ainda no ventre materno, e essa determinação se dá por conta do sexo biológico.

Mas o sexo biológico e o gênero são realmente sinônimos? Segundo estudos realizados pela filósofa Judith Butler (2003), o gênero pode ser compreendido como algo cultural e social. A forma como reproduzimos comportamos “femininos” ou “masculinos” não estão ligados aos sexos biológicos e sim à cultura da qual fazemos parte. Segundo a autora Linda Nicholson (2000, p. 9), o termo “gênero” poder ser compreendido do seguinte modo: “‘Gênero’ tem suas raízes na junção de duas ideias importantes do pensamento ocidental moderno: a da base material da identidade e a da construção social do caráter humano”.

Questionando a filósofa Simone de Beauvoir em relação a sua célebre frase: “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”, Butler diz que: Beauvoir diz claramente que a gente ‘se torna’ mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vem do ‘sexo’. Não há nada em sua explicação que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea. Se, como afirma ela, ‘o corpo é uma situação’, não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; consequentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva (BUTLER, 2003, p. 27).

A humanidade tem a necessidade de se definir e de se classificar. Michel Foucault (2004) relata em sua pesquisa “tecnologias de si” que temos quatro grupos principais de “tecnologias”, sendo elas: (1) tecnologias de produção, que permitem modificar ou manipular alguma coisa; (2) tecnologias dos sistemas de signos, que tem como pretensão usar signos, símbolos, significação ou sentidos; (3) tecnologias de poder, que especificam a conduta dos indivíduos e os levam a certas dominações ou fins; (4) tecnologias de si, que tem como finalidade permitir que o ser humano individualmente ou em grupo, possa efetuar um determinado número de operações em seus corpos, pensamentos, almas, modos de ser, com a finalidade de transformá-los para poder alcançar um certo nível de pureza, sabedoria, imortalidade, perfeição ou felicidade.

Em relação ao quarto grupo de “tecnologia” que aborda muito a questão de conhecer e cuidar de si mesmo, Foucault argumenta que:

Nós também herdamos uma tradição secular que respeita o direito externo como base para a moralidade. Como o respeito de si poderia então ser a base para a moralidade? Somos os herdeiros de uma moralidade social que busca regras para comportamentos aceitáveis em relação aos outros. Desde o século XVI, críticas à moralidade

estabelecida têm sido feitas em nome da importância de reconhecer e conhecer a si mesmo. Por tanto, é difícil ver o cuidado de si como compatível com moralidade. ‘Conhece-te a ti mesmo’ obscureceu o ‘cuida de si mesmo’ porque nossa moralidade, a moralidade do ascetismo, insiste que o si é o que deve ser rejeitado (FOUCAULT, 2004, p. 328).

Em muitas culturas, especialmente as culturas ocidentais, a identidade de uma pessoa se constrói por meio do corpo. Por associarmos o corpo com a identidade podemos facilmente confundir os significados de sexualidade, gênero e sexo biológico, os agrupando em uma mesma esfera. Mas ao igualar esses três conceitos corremos o risco de banalizar a vivência do outro, o submetendo a viver de acordo com nossas próprias ideologias. A noção de “feminino” e “masculino” aparece no momento em que a sociedade procura formar a personalidade, o comportamento humano e as maneiras como esses corpos humanos se apresentam.

Podemos, portanto, compreender que a sexualidade de uma pessoa refere-se a atração sexual que ela sente por outras pessoas. O sexo biológico está ligado com o sistema reprodutor do indivíduo e mais precisamente ainda com sua genitália. Já o gênero pode ser compreendido como um conceito um pouco mais complexo. Joan Scott (1995, p. 2) diz que “as feministas começaram a utilizar a palavra ‘gênero’ mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos”.

Quando adentramos a questão da identidade de gênero podemos compreender que mesmo a noção binária (mulher e homem) é um produto criado pela humanidade. Biologicamente os corpos muitas vezes carregam diferenças, mas comportamentos considerados “femininos” ou “masculinos” não estão necessariamente ligados a natureza do ser, eles são pré-estabelecidos pela sociedade e pela cultura. Scott (1995) observa como as categorias “mulher” e “homem” podem ser ao mesmo tempo vazias e transbordantes. Vazias por não terem significado concreto e transcendente; ao mesmo tempo que são categorias de si transbordantes por poderem conter dentro delas muitas definições.

Os papéis de gênero também estão mais ligados as culturas do que a biologia dos corpos humanos de fato. Visto que, dependendo da cultura os papéis de gênero podem variar. Por tanto, podemos entender que os papeis de mulheres e homens são

sociais/culturais e não biológicos, “não se pode mais atribuir diferenças de personalidades e de comportamentos às diferenças biológicas entre mulheres e homens” (MARTINEZ, LAGO E LAGO, 2016, p. 4).

Ao enfatizarem que os papéis de gênero são sociais/culturais as autoras analisam o contexto histórico-cultural desta perspectiva:

Como se pode perceber, as autoras ressaltam a construção histórica, cultural, de homens e mulheres nas diferentes sociedades humanas. Contudo, seus trabalhos, ainda que representassem grande avanço, não foram suficientes para fugir de uma certa tendência à naturalização de papéis femininos e masculinos, ligando os homens à cultura, ao mundo público, e as mulheres ao mundo doméstico, privado, e à natureza, em função de suas atribuições na reprodução biológica (MARTINEZ, LAGO E LAGO, 2016, p. 4 e 5).

Observando os papéis de gênero mais atentamente, podemos considerar que se os atributos que diferenciam mulheres e homens são atributos culturais/sociais, as identidades binárias também são frutos das culturas e das sociedades. Ao pensarmos dessa forma surge mais uma questão: podem existir identidades de gênero não binárias?

Segundo Butler:

A perspectiva alternativa sobre identificação que emerge da teoria psicanalítica sugere que as identificações múltiplas e coexistentes produzem conflitos, convergências e dissonâncias inovadoras nas configurações de gênero, as quais contestam a fixidez das posições masculina e feminina em relação à lei paterna. Com efeito, a possibilidade de identificações múltiplas (que finalmente não são redutíveis a identificações primárias ou fundadoras, fixadas em posições masculinas e femininas) sugere que a Lei não é determinante e que ‘a’ lei pode até não ser singular (BUTLER, 2003, p.103 e 104).

Pensando sobre a questão de gênero levando em consideração os argumentos de Butler, podemos compreender que os seres humanos interpretam (ou performam) o gênero. Como relata Gonçalves (2019, p. 116) em seu artigo, “dizer que o gênero é performativo indica que se trata de um significado produzido na enunciação (nos atos corporais), a ação traz algo à existência”. Se considerarmos o gênero como sendo algo adquirido e não como algo que nasce conosco é possível pensar em gêneros além da construção binária. Por tanto, se o gênero, a sexualidade e o sexo biológico são conceitos diferentes é possível pensar na existência de uma variedade de gêneros diferentes, que não se limitam aos dois gêneros costumeiros. Butler (2003, p. 163), compreende o gênero como um “tipo de ação que pode potencialmente proliferar-se além dos limites binários impostos pelo aspecto binário aparente do sexo”.

3 Atrizes Trans

Quando lemos livros sobre a história do teatro, poucos nomes de pessoas designadas como mulheres são destacados, tanto nas funções de atriz como de dramaturga. Isso pode nos trazer uma interessante questão: se nomes de mulheres cisgênero são pouco citados quando os assuntos são a história e o desenvolvimento do teatro, o mesmo ocorre com as mulheres trans? Ou elas nem mesmo são citadas?

Analisando a história do teatro ocidental podemos constatar que o berço do teatro no ocidente fica localizando na Antiga Grécia. Na época dos grandes espetáculos gregos mulheres eram proibidas de atuar, e papéis “femininos” eram interpretados por homens jovens que ainda não tinham passado pela puberdade, de modo que suas vozes e seus corpos (que ainda não tinham atingido a maturidade) podiam se passar muitas vezes por vozes e corpos de mulheres. Quando falamos sobre o teatro no Brasil precisamos sempre ter em mente que a arte da atuação surgiu em nosso país como uma forma de controle, para catequizar os indígenas. Tendo o teatro brasileiro (efetuado pelos Jesuítas) essa motivação (de controlar) para se fazer presente na nossa cultura, podemos compreender que o destaque dado as mulheres no teatro brasileiro é mínimo, já que assim como os indígenas as mulheres também fazem parte de uma minoria. No que se refere as mulheres trans que são atrizes, dramaturgas, figurinistas etc., o não reconhecimento é bastante frequente, visto que além de vivermos em um país culturalmente machista, este país também é culturalmente transfóbico. E o não reconhecimento de mulheres trans no teatro brasileiro afeta todas nós, mulheres cisgênero e mulheres trans, porque afinal, somos todas mulheres.

Como mulheres cisgênero reconhecemos que temos certos “privilégios” na sociedade em que vivemos, e fazendo uso desses “privilégios” pretendemos discorrer sobre grandes atrizes que muitas vezes são apagadas da nossa história, pelo fato de serem mulheres trans e que infelizmente vivem e sobrevivem em uma nação transfóbica. E quando se diz que o Brasil é um país transfóbico não se está fazendo uma mera suposição, a transfobia é uma realidade. Pois, de acordo com o levantamento realizado pela Antra³ somente no ano

³ Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil;

de 2020 foram assassinadas 175 pessoas trans no país.⁴ Além disso, consideramos de grande importância mapear pesquisas científicas que tenham como foco a investigação sobre a identidade de gênero e a visibilidade das atrizes trans no Brasil.

Como diz a atriz Renata Carvalho em seu texto “O Corpo Transvestigênera O Corpo Travesti – Na Arte” (2019, p. 215) “A arte é e sempre foi democrática. Pena que os artistas cisgêneros não saibam disso, estamos aqui gritando”.

Uma das pesquisas selecionadas para o corpus deste estudo foi o artigo de Dodi Tavares Borges Leal da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) sobre o papel de artistas e arte-educadores trans no Brasil. Leal (2021, p. 29 e 30) observa de forma crítica que “as diferenças são perigosas em função das normas estabelecidas de controle social, então as diferenças causam uma mobilização tectônica nas estruturas que estão estabelecidas”. O campo artístico, especialmente o teatral tem a reputação de aderir as diferenças daqueles que o compõe, mas essa reputação é enganosa, visto que o campo teatral ainda se limita aos cânones estabelecidos. Leal especifica em sua pesquisa que vivemos em um “Cistema” (com o “cis” de cisgênero), e nesse “Cistema” não há um espaço real para a diversidade, o que acontece muitas vezes é uma “diversidade disfarçada”.

Então, no caso de pessoas trans, a gente vê essa nossa periculosidade sendo comprada por preços muito baratos, quando somos as únicas que estamos nos contextos, nas instituições, nos cursos de pós-graduação e graduação em artes, arte-educação, na prática, nas escolas e na prática artística quando somos a única pessoa trans de um coletivo, a gente vê uma configuração que é a travesti de estimação, onde apenas uma pessoa trans é usada para justificar que o projeto, que o coletivo, que o edital ou que a universidade em questão, que a escola em questão está cumprindo seu papel de diversidade (LEAL, 2021, p. 30).

Outro fator que pode corroborar esse pensamento de que na realidade o que acontece no campo teatral brasileiro é uma “diversidade disfarçada” é a grande quantidade de atrizes e atores cis que representam papéis trans. Essa prática pode ser intitulada como *transfake*. A necessidade de atrizes e atores trans poderem representar personagens trans não apenas no teatro, mas também no cinema e na teledramaturgia se

⁴ “A transfobia adoece e mata. Temos que nos comprometer com a vida”, diz conselheiro de saúde no Dia Nacional da Visibilidade Trans – CNS, 2022. Disponível em:

<<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2312-a-transfobia-adoece-e-mata-temos-que-nos-comprometer-com-a-vida-diz-conselheiro-de-saude-no-dia-nacional-da-visibilidade-trans> >

Acesso em: 30/06/2022.

faz presente pelo fato de atrizes e atores trans não terem espaço no meio artístico. Um exemplo dessa exclusão aconteceu com a atriz, diretora, dramaturga e transpóloga (uma junção dos termos trans e antropóloga) Renata Carvalho. A peça *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* (escrito pela dramaturga escocesa trans Jo Clifford), que teve como protagonista Renata Carvalho, no papel de Jesus Cristo, foi barrada pela justiça na cidade de Jundiá, pela prefeitura do Rio de Janeiro e pelo governo de Pernambuco. Por se tratar de uma figura religiosa interpretada por uma mulher trans, as instituições governamentais preferiram evitar as possíveis reclamações do público e dos patrocinadores do espetáculo, não autorizando sua apresentação. É de grande relevância o fato de que atrizes e atores cis tem permissão de representar papéis trans, enquanto atrizes e atores trans tem seus trabalhos proibidos.

O termo *transfake* tem semelhanças sonoras com o termo *blackface*, que é uma forma ofensiva de retratar pessoas negras. O *blackface* faz uso de estereótipos físicos racistas como o exagero de certas características corporais, com a finalidade de representar de forma pejorativa pessoas negras. A militante Tertuliana Lustosa⁵ afirma que o *transfake* ocorre quando uma pessoa cis interpreta um personagem trans. Sendo essa, em suas palavras, uma atitude parecida com o *blackface*”, (FAVERO, MARACCI, 2018, p. 24). Apesar, do *transfake* e do *blackface* terem semelhanças sonoras e representativas algumas podemos também especificar algumas diferenças: enquanto o *blackface* tem a intenção de ridicularizar pessoas negras por meio da caricatura, o *transfake* busca “sensibilizar, recorrendo a uma ideia de que pessoas trans têm vidas marcadas por uma intensa infelicidade, herdada da tradição médica”, (FAVERO, MARACCI, 2018, p. 26), enfatizando no teatro, na teledramaturgia e no cinema) que pessoas trans sempre se encontram em uma esfera de dor e angústia por serem quem são.

Quando temos conhecimento de que a transfobia está intimamente ligada a censura dos trabalhos artísticos produzidos por artistas trans torna-se evidente o motivo pelo qual nomes de atrizes trans não são citados na história do teatro. E mesmo sabendo que esse “apagamento” é recorrente por vivermos em uma sociedade descrita por Leal (2021, p. 30) como sendo “de dominação cisnormativa, muitas vezes brancocêntrica em um país racista como esse em que a gente vive, elitista, magrocêntrica, adultocêntrico,

⁵ Tertuliana Lustosa – escritora, cordelista, artista visual, professora no ano de 2015 no PreparaNemRJ, cantora e compositora.

capacitista etc”, de forma alguma significa que esta prática é justa. E devemos sempre procurar modificar essa realidade excludente.

4 Mapeamento de Produções Científicas

O método utilizado para a busca e a classificação de produções científicas sobre atrizes trans foi a análise de conteúdo desenvolvida pela autora Laurence Bardin (2011). Através desse método buscamos pesquisas científicas pelo portal Periódicos Capes e Google Acadêmico no dia 7 de maio de 2022. Usamos os termos: “Comunicação” + “Gênero” + “Teatro” + “Atrizes Trans”. Nossos critérios foram pesquisas realizadas entre os anos de 2015-2021. Focando em Dissertações, TCCs, Teses e Artigos publicados em revistas científicas na área de Comunicação, Artes Cênicas, Teatro, Filosofia, Ciência Política e Literatura com interesse específico em atrizes transgênero, travestis e transexuais, mais especificamente atrizes brasileiras de teatro, e incluindo também a comunidade queer. Fim da busca a partir da quarta página.

TABELA 1

Tipos de Pesquisas selecionadas sobre atrizes trans brasileiras publicadas no período 2015- 2021.

TCC	Artigo	Tese	Dissertação	Total
1	9	1	2	13

FONTE – elaborado pelas autoras em 2022.

No início da busca optamos selecionar as pesquisas nos baseando por resumos elaborados de forma clara e concisa. Verificamos também a quais áreas cada pesquisa pertencia, adicionando pesquisas realizadas nos campos da Comunicação, Artes Cênicas, Teatro, Filosofia, Ciência Política e Literatura.

Procuramos selecionar pesquisas que tivessem como tema a identidade de gênero no campo da atuação brasileira e sobre a visibilidade de atrizes e atores trans.

Encontramos dois artigos desenvolvidos por pesquisadoras trans, dois artigos que investigavam o termo *transfake*, quatro pesquisas realizadas na área do teatro, sendo uma delas uma tese, uma dissertação, um trabalho de conclusão de curso e um artigo. Encontramos, ainda, um artigo sobre o vestuário de atrizes e atores trans no teatro e no cinema, um artigo sobre a identidade queer no cinema além de outros dois artigos com foco na identidade queer no campo da atuação. Além disso também selecionados um artigo sobre a autoria e representação trans na narrativa brasileira e por fim uma tese sobre os movimentos sociais de pessoas trans no Brasil.

TABELA 2

Em relação a Identidade de Gênero discutida em cada pesquisa selecionada no período 2015-2021.

M. Transexuais	M. Transgênero	Travestis	Queer
4	9	8	3

FONTE – Martinez e Fernandes em 2022.

É importante especificar que em uma mesma pesquisa mais de uma identidade de gênero é mencionada, mas algumas mostraram maior foco em uma identidade de gênero específica.

TABELA 3

Autores	Título	Publicação	Ano	Área
Alós, Anselmo Peres	Transitoriedades, transgeneridades, transidentidades: representação e autoria trans na narrativa brasileira	ABRALIC	2021	Literatura Comparada
Carvalho, Renata	O corpo transvetigênera O corpo travesti – na arte	© Redoc	2019	Ciências Sociais
Coacci, Thiago	Conhecimento precário e conhecimento contra-público: a coprodução dos conhecimentos e	Tese de Doutorado	2018	Ciências Políticas

	dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil			
Dennison, Stephanie	Cultura cinematográfica e identidades queer no Brasil contemporâneo	Cadernos Pagu	2019	História e Cultura
Favero, Sofia; Maracci Gabriel	<i>Transfake</i> e a busca pela verdade na representação de travestis e pessoas trans	REBEH	2018	Psicologia Social
Habib, Ian Guimarães	Corpos transformacionais: a facetrans no Brasil	Revista Arte da Cena	2020	Estudos dos Campos Cênicos
Jacobs, Daiane Dordete Steckert	Possível cartografia para um corpo vocal queer em performance	Tese de Doutorado	2015	Teatro
Junior, Jurandir Eduardo Pereira	Nem homem, nem mulher, gente: trajetória do grupo Dzi Croquettes entre passado e reflexões no presente	Dissertação de Mestrado	2016	Teatro
Leal, Dodi Tavares Borges	Teatra	Pitágoras 500	2021	Artes Cênicas
Lopes, Hebert Proença; Pereira, Wilian Siqueira; Sales Adriana	Travestis brasileiras e o enfrentamento a múltiplas violências: articulações em rede pela manutenção de corpos queer em interface com o dispositivo político teatral	Periódicus, Salvador	2018	Gêneros e Sexualidades

Meneses, Emerson Silva; Viana, Fausto	Moda, vestuário e traje de cena: a passabilidade trans no teatro e no cinema	Moda Documenta	2017	Moda e Indumentária
Silva, Marcos Vinicius Sales da	Reflexões iniciais sobre a presença do artista trans na cena teatral	Trabalho de Conclusão de Curso em formato de monografia	2018	Teatro
Souza, Edvandro L.S. de	A atriz pode interpretar qualquer papel?: da representatividade trans* na arte aos estudos da cisgeneridade e ao “ <i>transfake</i> ” a partir de uma localização cisgênera.	Tese de Doutorado	2019	Artes Cênicas

FONTE – Martinez e Fernandes em 2022.

Os textos selecionados foram categorizados de acordo com a incidência em: 1) Pesquisas realizadas na área do teatro; 2) Pesquisas sobre a comunidade trans fora do campo artístico; 3) Identidade queer; 4) Pesquisas de autoras trans. 5) Pesquisas que investigaram o termo *transfake*.

4.1 Categoria 1: Pesquisas realizadas na área do teatro (4 de 13 – 31%)

A terceira categoria contém pesquisas pertencentes à área de conhecimento teatral. Trata-se da maior representação no corpus, com um terço dos estudos. Nesta primeira pesquisa o autor pretende analisar de forma teórica a presença do (a) artista trans na história do teatro brasileiro e sua contribuição à cena teatral. Em seu trabalho de conclusão de curso Silva (2018, p. 13) o autor relata sua observação em relação ao “público das peças LGBTQ+ em sua maioria são as próprias pessoas da comunidade, pois há uma pressuposição da maior parte da sociedade em achar que as produções LGBTQ+ são apenas para um público específico, o que não é o caso”.

A dissertação selecionada que corresponde a terceira categoria, “Nem homem, nem mulher, gente: trajetória do grupo Dzi Croquettes entre passado e reflexões no presente” (2016) pretende investigar a primeira atuação artística teatral do grupo Dzi Croquettes por meio do espetáculo Gente computada igual a você (década de 70).

A tese “Possível cartografia para um corpo vocal queer em performance” (2015) procura problematizar as relações entre vocalidade e gênero no treinamento de atrizes e atores no teatro brasileiro.

O artigo “Corpos Transformacionais - a facetrans no Brasil”, (2020) tem como pretensão analisar a dinâmica de captura da transformabilidade de diversos corpos e gêneros e as facetrans nas Artes Cênicas brasileiras.

4.2 Categoria 2: Pesquisas sobre a comunidade trans além da arte (3 de 13 – 23%)

Com 23% de incidência, estão as pesquisas que não têm como foco o campo artístico. O estudo realizado por Anselmo Peres Alós intitulado “Transitoriedades, transgeneridades, transidentidades: representação e autoria trans na narrativa brasileira”, (2021) tem como alvo a investigação de duas questões: “a tradição da representação de personagens transgêneros – especialmente protagonistas – na narrativa brasileira escrita por autores transgêneros; por outro, discute-se a emergência do fenômeno que pode ser chamado de autoria transgênero no campo da narrativa contemporânea brasileira”. Esse artigo corresponde a área de Literatura Comparada.

A tese “Conhecimento precário e conhecimento contra-público: a coprodução dos conhecimentos e dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil” (2018), do campo das Ciências Políticas, busca analisar a relação entre política e conhecimento nos Movimentos de Pessoas Trans no Brasil (um movimento social).

O artigo “Moda, vestuário e traje de cena: a passabilidade trans no teatro e no cinema”, da área da Moda e Indumentária, busca relacionar figurinos no teatro e no cinema e a passabilidade (MENESES; VIANA, 2017, p. 268) “a capacidade e o desejo de pessoas trans de serem vistas e tratadas de acordo com sua identidade de gênero”.

4.3 Categoria 3: Identidade Queer (3 de 13 – 23%)

A primeira pesquisa encontrada sobre a identidade queer também se encaixaria na categoria 1, mas entendemos que ela se ajusta mais aqui: “Possível cartografia para um corpo vocal queer em performance” (2015). Jacobs (2015, p. 45) diz que “a Teoria Queer é um campo de estudos que surge a partir da terceira onda feminista, e que abrange estudos sobre gêneros não heteronormativos”.

O artigo “Cultura cinematográfica e identidades queer no Brasil contemporâneo” (2019) busca analisar a interação entre as comunidades LGBTQIA+, a sociedade no começo do século XXI e a cinematografia brasileira.

O artigo “Travestis brasileiras e o enfrentamento a múltiplas violências: articulações em rede pela manutenção de corpos *queer* em interface com o dispositivo político teatral” (2019) pretende analisar a violência sofrida pelas travestis brasileiras, dialogando com perspectivas queer e a ação teatral como forma de luta pela visibilidade e afirmação de vidas trans e travestis.

4.4 Categoria 4: Pesquisas de autoras trans (2 de 13 pesquisas – 15%)

No artigo intitulado “Teatra” (2021), Dodi Tavares Leal tem como objetivo compreender a presença transfeminista na cena teatral brasileira, analisando também o papel do arte-educador trans e de como esses profissionais são tratados pelas instituições de ensino do país.

Outro artigo que tem como autora uma mulher trans é “O Corpo Transvestigênera o Corpo Travesti – Na Arte”, (2019), da pesquisadora e atriz Renata Carvalho. Na verdade, trata-se mais de um relato de experiência, no qual a atriz narra seu próprio trabalho como protagonista na polêmica peça teatral “O evangelho segundo Jesus, rainha do céu”.

4.5 Categoria 5: Pesquisas que investigaram o termo *transfake* (2 de 13 – 15%)

O artigo “*Transfake* e a Busca Pela Verdade na Representação de Travestis e Pessoas Trans” (2018) discute as críticas de ativistas trans a respeito das interpretações de atrizes e atores cis que representam papéis de pessoas transexuais, travestis e

transgênero em produções cênicas. Além disso os autores do artigo discutem a visibilidade de atrizes e atores trans no Brasil e a origem do termo *transfake*.

Já no artigo “A atriz pode interpretar qualquer papel?: da representatividade trans* na arte aos estudos da cisgeneridade e ao “*transfake*” a partir de uma localização cisgênera”, (2019), o autor tem como pretensão investigar a representatividade trans e o *transfake* na arte. Apresentando falas de pesquisadoras e artistas transfeministas. Souza (2019, p. 6) aponta que “a produção acadêmica/militante trans* brasileira têm sido profícua em fabricar conceitos e noções que questionam e revelam posições e ações cis, na academia, nos movimentos sociais e nas artes, por exemplo”.

5 Considerações Finais

Nesta pesquisa realizamos um mapeamento em torno da produção de pesquisas científicas sobre mulheres trans pelo portal Periódicos Capes, entre os anos de 2015 a 2021, com foco em pesquisas sobre atrizes trans brasileiras. Dos 13 trabalhos que compuseram o corpus selecionado no portal Periódicos Capes e Google Acadêmico no dia 7 de maio de 2022 por meio da busca “Comunicação” + “Gênero” + “Teatro” + “Atrizes Trans (período 2015-2021), nota-se a presença de estudos de outros campos que não o teatro, como Psicologia Social e Ciências Sociais. Porém, não foram encontrados resultados de pesquisas sobre o tema no campo da Comunicação ou Jornalismo. O que evidencia a questão dos mecanismos de indexação, uma vez que era sabido de alguns artigos publicados, particularmente por Martinez, Azoubel e Picchiai (2021).

De toda forma, o resultado obtido mostra que, como poderia se esperar, a principal amostragem de trabalhos (31% ou 4 de 13) são encontrados no campo teatral (categoria 1). Seu contraponto é a categoria 2, que engloba as pesquisas que não têm como foco o campo artístico (25% ou 3 de 13). Ela revela o interesse no tema das áreas da Literatura Comparada, Ciências Políticas, Moda e Indumentária. Mas não da Comunicação ou do Jornalismo. Com a mesma quantidade de trabalhos (25% ou 3 de 13), a categoria 3 revela que os estudos buscados com o termo atrizes trans revela trabalhos sobre a identidade queer, ou seja, estudos sobre gêneros não heteronormativos de uma forma mais ampla.

A categoria 4 (15% ou 2 de 13 pesquisas) talvez seja o principal achado deste estudo: trata-se de pesquisas sobre o tema que são realizadas por pesquisadoras trans. A

primeira é Dodi Tavares Leal, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). A segunda é Renata Carvalho, que é pesquisadora e atriz. Estes dois estudos são interessantes, pois mostram análises ou relatos feitos por pessoas que ocupam um lugar de fala privilegiado por se tratarem de mulheres trans.

Finalmente, a quinta categoria (com 15% ou 2 de 13) consiste de pesquisas que investigam o termo *transfake*, neologismo criado a partir da junção das palavras trans e fake (de falso, como fake news, notícias falsas). Estes dois artigos, portanto, abordam 1) a questão de interpretações de atrizes e atores cis em papéis de pessoas transexuais, travestis e transgênero em produções cênicas; 2) a produção acadêmica/militante trans, em suas formulações de noções numa tentativa de discutir⁵ as posições e ações cis na academia, nos movimentos sociais e nas artes, entre outros.

No nosso entender, trata-se de um corpus pequeno, mas extremamente rico por mostrar como a comunidade científica nacional está abordando e refletindo sobre este universo. Ele evidencia que atualmente as atrizes trans também possuem um pouco mais de visibilidade inclusive no campo científico. Mas também revela que o caminho para igualdade e equidade ainda é longo.

De uma forma geral, é como se ser mulher, homem, um pouco ou até mesmo nenhum dos dois encontra-se em fase de franca experimentação social, ao menos no Ocidente, e as pesquisas produzidas sobre esta questão procuram acolher e compreender este fenômeno social que não pode ser explicado em poucas palavras por estar além do físico e de práticas sociais/culturais. O mapeamento apontou para a pertinência de se investigar o tema à luz das teorias da comunicação, o que pode ajudar na tentativa da compreensão deste universo.

Como diz a atriz Fernanda Montenegro, no “palco não há censura, não há sexo. No palco nós somos o que queremos ser” (PASCHOAL, ano, p. 6). Frase citada na biografia de uma pioneira do campo, a travesti Rogéria.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, RJ, 2003

CARVALHO, Renata. **O corpo transvestigênera O corpo travesti** - na arte. Revista © Redoc, v. 3 n.1 p. 214, Rio de Janeiro, RJ, 2019.

FAVERO, Sofia Ricardo; MARACCI, João Gabriel. **Trasfake e a Busca na Representação de Travestis e Pessoas Trans**. Revista Rebeh, v. 01, N. 04, Cuiabá, MT, 2018.

FOUCAUT, Michel. **Tecnologias de Si, 1982**. Revista Verve, v. 6: 321-360, São Paulo, SP, 2004.

GOLÇALVES, Gean Oliveira. **A Lousa de Butler: Notas Sobre a Inserção dos Estudos de Gênero no Ensino do Jornalismo**, Revista Latino-americana de Jornalismo, v. 6 n. 2, João Pessoa, PB, 2019.

LEAL, Dodi Tavares. **Teatra**. Revista Pitágoras 500, v. 11, n. 2, p. 28-35, Campinas, SP, 2021.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do Teatro Brasileiro**. Global Editora, São Paulo, SP, 2015.

MARTINEZ, Monica; AZOUBEL, Diogo; PICCHIAI, D. Q. **Muros Discursivos: mapeamento da cobertura trans pela Folha de S. Paulo entre 1960 e 2017**. Revista Contracampo, v. 39, p. 1-15, 2021.

MARTINEZ, Monica; LAGO, Cláudia; LAGO, Mara Coelho de Souza. **Estudos de Gênero na Pesquisa em Jornalismo no Brasil: uma tênue relação**. Revista Famecos, v. 23, n. 2, Porto Alegre, RS, 2016.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando Gênero**. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 2, Florianópolis, SC, 2000.

PASCHOAL, Marcio. **Rogéria: Uma Mulher e Mais um Pouco**. Editora Estação Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 2016.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica**. Revista Educação & Realidade, v. 20, n. 2, Porto Alegre, RS, 1995.

VINCENZO, Elza Cunha de. **Um Teatro da Mulher**. Editora Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1992.